MÉTODOS DE LEITURA E EXEGESE DA BÍBLIA

DANIEL SOTELO.

GOIANIA 2004.

INDICE.

I. HISTORIA DA PESQUISA.

II. MÉTODOS DA TEOLOGIA BÍBLICA.

III. EXEGESE – MÉTODO EXEGÉTICO – AUXÍLIO EXEGÉTICO.

IV. CRITICA DA FORMA.

V. MÉTODOS HISTÓRICOS CRÍTICOS.

1. Critica Histórica.
2. Historia e Estória.
3. Critica Literária.
4. Critica Radical.
5. Critica da Redação.
6. Criticismo Retórico.
7. Critica da Textual.
8. Critica da Redação.

VI. EXEGESE LATINO-AMERICANA.

VII. BIBLIOGRAFIA.

I. HISTÓRIA DA PESQUISA – STATUS QUAESTIONIS.

A pesquisa tem seu início com os ares da Reforma. Podemos colocar em primeiro lugar Martin Lutero e Filipe Melanchton, como os percursores da pesquisa da Teologia Bíblica.

A primeira pessoa que realizou uma mudança significativa de enfoque foi Lutero. Ele traz a Bíblia para junto do povo; a Bíblia estava aprisionada pelos dogmas e o povo e ela não tinham acesso. O livre arbítrio deu lugar ao livre exame da Bíblia. Em segundo lugar, podemos colocar Erasmo, o primeiro a editar um texto do Novo Testamento em grego com bases críticas. Lutero, depois, influi também na pesquisa através da primeira tradução da Bíblia em língua alemã. João Gutenberg teve um papel importante: a impressão do texto bíblico.

Tudo isto ocorre no século XVI ou exatamente em 1519. Calvino influirá na França e na Suíça. Tudo isto causará o Renascimento, a mudança em todos os setores da sociedade e dos descobrimentos. A teologia não ficará imune a estas descobertas: a pesquisa bíblica sofrerá os resultados desta análise, seja romântica ou iluminista.

Nesta história da pesquisa, não podemos esquecer de formar alguma, o movimento do pós-reforma, o iluminismo ou a ilustração (Aufklaerung). Nesta época faz-se um trabalho de pesquisa onde se dá início à crítica bíblica. Influenciado pela ênfase racionalista e iluminista. Descobre-se que no Pentateuco existem várias narrativas semelhantes e

outras iguais e que, sendo iguais e de autores diferentes, as quais foram denominados de escritor Javista (porque usava para o nome de Deus Javé), Elohista (outro nome para Deus), Deuteronomista e a Sacerdotal (P). Esta teoria foi denominada de Teoria das Fontes. O autor em questão é Jean Astruc, no século XVII.

Depois disto surge a crítica sobre a vida de Jesus. É a descobertas da crítica da Vida de Jesus por F.C. Baur, E. Renan, F.D. Schleiermacher, F. Hegel, J, Weiss, W. Bousset, etc. Estes especialistas trabalham, basicamente a questão da veracidade histórica de Jesus, mostrando que os evangelhos não são história e sim testemunhos. Albert Schweitzer escreve uma história destas vidas de Jesus. De Reimarus a W. Wrede (**The Quest of Historical Jesus – A Critical Study of Its Progress From Reimarus to Wrede).** Ela analisa e critica profundamente estas histórias ou vidas de Jesus! Discorre sobre o período dos séculos XVI a XIX.

A crítica bíblica tem-se acentuado, começando pela crítica das fontes, a crítica da tradição, a crítica do texto, a crítica da forma, etc. Estabelece-se aqui a pesquisa sobre o texto original mais antigo e todas as suas variantes. Mencionamos neste intuito J. Bengel, Semler, depois Hermann Gunkel, para o AT e Martin Dibelius para o NT. Estes dois pesquisadores aplicam o método da história da forma (formgeschichte) no Antigo e no Novo Testamento.

A partir deste período, no início do nosso século, toma corpo outra discussão importante: a questão da disputa bultmaniana do Jesus

histórico e o Cristo kerigmático e a teologia dialética provocada pelo comentário de Karl Barth à epístola aos Romanos.

As críticas anteriores provocaram a discussão: se os evangelhos não são história e, sim, testemunho, onde fica o Jesus da História? O Jesus dos evangelhos é o Cristo pregado e testemunho. Esta discussão atravessa todas as décadas antes e pós-guerra, chega o período de 1950, quando os discípulos de Bultmann em outra discussão: a questão da nova hermenêutica.

M. Heidegger e S. Kierkegaard entram interlocutores discussão – uma hermenêutica existencialista penetra na teologia bíblica. Barth mostra que a dialética é o melhor de fazer teologia. Temos visto isto em seu comentário à Epístola aos Romanos, onde a questão do Jesus histórico e do Cristo kerigmático fica ultrapassada, e vêm à tona outras questões.

II. MÉTODOS DA TEOLOGIA BÍBLICA

A- CRÍTICA TEXTUAL

Começaremos pela crítica textual. Esta crítica estabelece, através do texto, qual é o mais antigo e o mais confiável, as suas variantes, as mudanças em contraste com o texto mais original.

Ex:

O – Omicron

θ - Teta

as mudanças de O para θ

para Deus O θ

e θ - o qual

A crítica é a reconstrução de um documento do qual existem várias recensões. Um texto hipotético usualmente baseado em um ou mais MMS avaliáveis. A crítica textual é sempre acompanhada de um Aparato Crítico (Apparatus Criticus) com alternativas de leituras. Os textos mais usados são: os de Tischendorf (1869), o de Wikgren-C. Martini (1966-1998).

Outros textos Gregos conhecidos são: R.F. Weymonth (1886), o de B. Weiss (1894-1900), A. Souter (1918-1947), o de H.J. Vogels (1920-1950), o de A. Merk (1933-1965) e o de J. M. Bover (1943- 1968).

A edição de Tischendorf cria uma disciplina histórica para este escopo de método e ainda é considerado o essencial: O Aparato Crítico. A edição de A. Souter reproduz o texto grego que liga ao Revised Version (inglesa) de 1881, originalmente preparado por Palmer.

É a abertura do Texto Receptus (Textus Receptus- texto recebido) de um Novo Testamento Grego bom.

O texto grego do Novo Testamento de R.V.G. Tasker (1964) representa o texto segundo a NEB (New English Bible), de 1961, chamado de anacronismo por Kurt Aland pela sua não menção de um moderno método de Criticismo Textual.

B - APARELHO CRÍTICO.

São às notas de rodapé de página ou notas críticas, primariamente em hebraico e grego nas edições do Antigo e do Novo Testamento que citam o MS (manuscrito), fontes e leituras e que também apóiam ou variam o texto impresso. O Aparato Crítico é também encontrado em certos estudos bíblicos como os Paralelos dos Evangelhos. A Aparato Crítico inclui o seguinte papiro MSS datando do 2º ou 6º século (P1, P2, etc.), o MSS uncial do 4º ou 10º século (S, B, C, D, etc.), o MSS minúsculo do 9º ou 15º século 1, 13,181, etc., versões e traduções (Velha Latina ou Vetus Latina, Velha Siríaca, o Cóptico, Peshita, etc).

Os Pais da Igreja que testemunham os textos bíblicos são Clemente, Justino, Orígines, etc. e os fragmentos ajudam a entender o texto. Existem aproximadamente 81 papiros MSS, 266 unciais, 2754 minúsculos e 2135 testemunhas marginais do Novo Testamento.

C - PAPIRO

Era o material retirado de uma planta encontrada no delta do Nilo, da qual, depois de preparada, fazia-se o rolo onde era escrito o texto bíblico.

D - UNCIAL

Era o manuscrito escrito em letras minúsculas.

E - ANÁLISE DA CRÍTICA BÍBLICA

É o conjunto de todos os métodos aplicados à Bíblia. Refere-se ao fundamento para o estudo da Escritura que pesquisa conscientemente e aplica ao cânon a investigação do texto. Este método utiliza os outros interrelacionados.

A terminologia, os antecedentes da crítica bíblica são muito antigos, refere-se ao uso da razão na interpretação das tradições sagradas concernentes a auto-revelação de Deus na história, isto é, a Escritura se explica a si mesmo. Como exemplo, I e II Crônicas contém uma crítica da interpretação da história. O conceito do Reino de Deus em Jesus implica uma crítica da idéia de história no Judaísmo normativo de seus dias, e assim por diante. Cada um julga ter uma visão da história de uma forma ou de outra. Os críticos modernos utilizam os textos antigos como base de um presente e uma compreensão da realidade.

A pesquisa serve para retiro significado da história para obter o juízo apropriado de um guia de interpretação dos textos pertinentes e para a prática do antigo tipo de questão crítica. Assim, como, juízo da interpretação sobre o tempo bíblico, Jesus, por exemplo, chama a atenção para não seguir o juízo estabelecido pela tradição em seus dias (Mt 7.29).

Desde o século XVII, a teoria da interpretação tem sido chamada hermenêutica. De igual modo talvez, desde antiguidade, a atenção é para as palavras do texto e para o conceito de “Palavra de Deus”, nasce no oráculo profético, nasce com a da palavra escrita e o conceito de Escritura Sagrada. A pesquisa da palavra original do texto é agora conhecida como Crítica Textual.

Ela parece na antiguidade como foi realizada a leitura do texto corrompido no processo de copiar o texto. Os tradutores do Antigo Testamento foram os primeiros a notarem estes fatos. A versão grega do Antigo Testamento (a Septuaginta – LXX), que na Igreja primitiva ajudou parcialmente, porque é a leitura una, que contém palavras e mensagens em cada livro da Bíblia, não encontra no Antigo Testamento Hebraico o mesmo que terá ali.

Em relação à origem do cristianismo e seu uso da LXX, o judaísmo reverteu ao texto Hebraico numa tradução mais literal do mesmo. O conflito existente entre a Sinagoga e a Igreja não é somente para a lista dos livros autorizados (canônicos) em cada fé é acentuado, mas também, para um tipo de criticismo textual rudimentar. Na Igreja Cristã, Orígenes (185-254) foi o primeiro a fundamentar esta resposta ou questão sistemática.

Nos séculos subseqüentes, a Escritura trouxe um caminho para a tradição e para o rito. O criticismo textual permaneceu à parte da ciência obscura, o interesse não surgiu de novo no tempo da Reforma Protestante (Século XVI), mas localizado a ênfase renovada da escritura como palavra de Deus.

Neste período, houve a impressão do texto bíblico, que foi fixado normativamente como o texto bíblico possível (Este vem a ser chamado de Textus Receptus – 1550). Assim, foi feita uma nova tradução.

Com o iluminismo (séculos XVII e XVIII), a origem subseqüente da consciência histórica, vem a pesquisa filológica, histórica e as questões

literárias pertencentes ao texto: data, local, autoria, fonte e a intenção (Crítica histórica, literário, Crítica das Fontes, Tendência – Tendenz).

Como a ciência altera a visão do mundo tradicional, a preocupação para reconstruir a história bíblica de conformidade com a compreensão correta da realidade foi irrepreensível. A Hipótese Documentária (Graf-Wellhausen) concernente à origem do Pentateuco e a Hipótese das Duas Fontes, concernente à origem dos Evangelhos Sinóticos, e metade do século de critica literária trouxe a vitória da pesquisa. Por razões políticas e econômicas, a pesquisa científica do Oriente Médio passou a ser a dinâmica possível do texto.

A descoberta do antigo manuscrito bíblico localiza a Crítica Textual e a tradução da Bíblia em uma nova forma. Começa com os arqueólogos ao descobrir o passado e com isto, o texto testemunha similar no contexto para o que foi a Bíblia. No descortinar do século XIX, as religiões comparadas, o estudo do Antigo e Novo Testamento em termos de seu meio social e religioso, tem muito contribuído para a compreensão dos dois testamentos. A crítica da Forma entra em cena nas primeiras décadas do século XX, com interesse da crítica literária via o gênio individual a auto expressão espontânea do povo comum.

O estudo da Tradição Oral, da forma de lendas, hinos, cânticos, provérbios, parábolas, etc. Prove sela vez primeira ao fixar a tradição da forma escrita.

Ocasionalmente, a Crítica da Forma esqueceu do estudo da forma e o fundamento formal, o “puro formalismo” foi fundamentado. Isto ocorreu em 1930, a análise e como a forma lingüística foi transmudada no

processo da tradição (criticismo da Tradição). No campo do estudo do Novo Testamento a crítica da Redação foi oferecida a partir de 1950, como contra – balanceamento, para a inclinação da crítica da forma, tratou dos escritos dos Evangelhos.

Não interpreta a tradição a mera compilação? Nos recentes anos, outros termos são sugeridos como novo programa de pesquisa: a Crítica Retórica, o Estruturalismo, a análise estatística computadorizada. Destes, o Estruturalismo aparece nos EUA desde 1970, mais radicalmente quebrando as metodologias tradicionais.

O fundamento da Crítica Bíblica em termos de seu metido, provê um pouco mais do que pontos essenciais de um complexo marcado pelo conflito e a controvérsia. A partir de décadas recentes, foi uma empresa Protestante. No começo, o campo formado na esquerda e direita. Respostas dos Fundamentos à Crítica Bíblica com a doutrina da inspiração verbal, e foi acusado pelo Protestantismo Liberal e Biblicismo e Bibliolatria. A Igreja Católica Romana permaneceu oficialmente oposta à Crítica Bíblica. Sobre ela, o Papa Pio XII, escreveu a famosa encíclica Divino Aflante Spiritu (1943).

Os oponentes do Protestantismo Conservador e o Catolicismo Romano, agora estão vendo na Crítica Bíblica não somente uma mudança interna e estas formas e tentam também dar reconhecimento da crítica Bíblica. Mesmo a natureza e limite da razão e do caráter relativo de todo o conhecimento da crítica literária, da teologia e/ou da física. Isto mostra, o desenvolvimento da reflexão teórica da Hermenêutica dos outros métodos, livrou-se uma mudança mundial no século XX.

A relatividade do conhecimento histórico trouxe a questão da autoridade das escrituras como Palavra de Deus e como conceito do cânon. A Teologia Protestante Liberal, se tem ocupado com os trabalhos e a tradição Liberal.

Na Europa, a discussão das últimas décadas, desde 1960, tem dividido ainda mais as tradições de João Calvino e a de Martinho Lutero do século XVI.

Os especialistas dos EUA no século XX tem-se ocupado menos com a critica bíblica e assim são menos teológico, a teologia dos EUA era menos bíblica, que seus contemporâneos da Europa. Esta característica é menos verdadeira nas quatro primeiras décadas do século XX. Os Críticos católicos e protestantes não permaneceram outros, senão que o fundamento dogmático pôr um lado e a crítica bíblica pôr outro este, é o meio dominante dos trabalhos nas Universidades.

III. EXEGESE – MÉTODO EXEGÉTICO – AUXÍLIO EXEGÉTICO

O método exegético (do grego: explanação, explicação interpretação no Novo Testamento: Lc 24.35, Jô 1:18, At 10;9;15;12, etc.). Falando sinceramente, A Exegese é o processo pelo qual o texto, com a única expressão concreta de um "mensageiro" ao "receptor", é sistematicamente explicado.

Na exegese bíblica, somente o texto mesmo (e textos correlatas) pode prover acesso à tríade: mensageiro-texto-receptor na qual o texto funciona como meio de uma mensagem entre um (humano) mensageiro o receptor (povo) agora dado.

Na teologia Protestante, particularmente, a Exegese é baseada na pressuposição de que a Bíblia é a Palavra de Deus e que a humanidade, hoje, é o recipiente de sua mensagem, mas que isto, não é real a não ser que o caminho da tríade pode literalmente ser escrita: Deus-texto-humanidade moderna.

O exegeta é o melhor recipiente secundário do texto e se o texto tem sido alterado na transmissão oral ou escrita, o exegeta é removido depois desta situação de seu recipiente original. Este problema hermenêutico, que o exegeta, tenta ver, como que imperfeitamente, a Exegese, ordenação e sistemática da questão do texto.

O Método Exegético não existe; ele varia de acordo e cada intérprete. A história do Método Exegético é a história da crítica bíblico, seu procedimento não é outro do que, a chave metodológica neste manual. Isto é, para dizer que, há um método competente e conflitual. E,

portanto, é geralmente, comum que todo método crítico funcionará em contraste, poucos são os exegetas que não usam outros métodos. Consciente à tríade: o método da crítica histórica, ao certo como: mensageiro, autor, editor, ou artista literário (assim a Literatura Clássica-Histórica-Redação e a Crítica Retórica) ou sobre o mensageiro como matriz social (culto, reinado, instituição legal – crítica da Forma e da Tradição) ou o mensageiro como teólogo (Crítica da Tradição e da Redação).

O "receptor" é também em graus variado, um fator na análise, particularmente nos textos das epístolas do Novo Testamento e nos textos proféticos do Antigo Testamento. Em alguns lugares, Deus é o intendente receptor (como nos Salmos), assim, os textos refletem sobre a situação e a fé do mensageiro(s).

A Análise Existencialista e a Nova Hermenêutica têm centrado sua pesquisa sobre o texto – mensageiro e a dimensão do texto – receptor da tríade: as parábolas são ditas para revelar o "mensageiro" Jesus e sua autocompreensão e uma nova compreensão da existência do receptor (tanto originalmente o ouvinte como os modernos), eles são chamados a se apropriarem como donos da palavra.

Há uma imagem literal do texto e mais a compreensão que contém a exegese. O Estruturalismo localiza o texto como texto, com o conhecimento não necessário sem fundamento histórico, de seu mensageiro ou de seu receptor; faz do seu caráter composto como um texto. Para o exegeta estruturalista, o "mensageiro" não é humano nem

divino para aceitar formalmente o sentido; o mensageiro é a estrutura do cérebro humano.

O texto escrito é: a estrutura por trás é o objeto da exegese estruturalista.

A Exegese Teológica parte de todos os pressupostos acima. O fundamento do texto bíblico procede à fé de Deus mesmo, é de algum sentido "o mensageiro" do texto, cuja mensagem, para ilustrar pela Exegese, é também em algum caminho atentado para o povo hoje.

Na Exegese estão interrelacionada e não necessariamente seqüencial, a forma altamente abreviada:

1) Determinar a passagem para o estudo, notar a fórmula fechada ou aberta;

2) Determinar seu contexto e função da unidade literária;

3) Esboçar a passagem, notar o inter-relacionamento dos elementos;

4) Checar palavras de importância histórica e teológica nos dicionários, ver as referências com outras passagens pelas concordâncias;

5) Comparar as traduções, notar as diferenças significantes (paráfrases, versões);

6) Questionar: qual é a unidade de texto? Qual é o tipo (como as divisas retóricas e estilísticas: paralelismo, quiasmo, anáfora, paronomasia, diatribe, ironia, etc., idéias típicas, forma típica ou "estrutura" típicas, conceito típico, etc.)? Os elementos típicos dos relatos são únicos? Qual é sua função?

7) Qual é o fundamento do texto (Sitz im Leben)? Perguntar: qual é fundamento usual dos elementos típicos descobertos? O que estes dizem acerca do texto? (Se o texto é composto – usualmente com no caso do Pentateuco e freqüentemente nos evangelhos – vários fundamentos podem ser envolvidos);

8) Qual é a função da passagem e a nova composição; é didática, kerigmática, emotiva, etc. Como o ouvinte espera responder: O que diz o seu conteúdo?

9) Dada à tentativa, responder: quem? Onde? Como? Quando? O que? Por quê? Etc.;

10) Listas de questões e áreas de problemas;

11) Consultar referências auxiliares. Checar comentários e literatura periódica para os insights de sua própria questão;

12) Escrever sucintamente os resultados de sua investigação; o significado do texto em seu fundamento original;

13) Exegese teológica, responder: qual é o significado do texto para hoje?

O auxílio selecionado da Exegese inclui os livros como:

1) Método:

KAISER, Otto, KUEMMEL, Hans Georg. **Exegetical Method. A Student's Handbook**. The Seabury Press, New York, 1963.

2) Textos:

KITTEL, Rudolf-KAHLE, Paul (ed**).** **Bíblica Hebraica**. Bibelanstalt, Stutgart, 1968.

RAHLFS, Afred et al. (ed.). **Septuaginta**. ABS, New York, 1935, 2 vols.

ALAND, Kurt et al. (ed.). **The Greek New Testament**. ABS, NEW YORK, 1968, 2ª Ed.

3) Léxico:

BROWN, Francis-DRIVER, S.R. & BRIGGS, Charles. **A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament**, Claredon Press, Oxford, 1959.

BAUER, W ARDNT, V-GINGRICH, W. **A Greek- English lexicon of the New Testament**. University of Chicago Press, 1957, Chicago.

4) Gramáticas:

WEINGREEN, Jacob. **A Practical Grammar for Classical Hebrew**. Claredon press, Oxford, 1959.

GOETCHIUS, E.V.N. **The Language of the New Testament**. C. Scribner’s Sons, New York, 1966.

5) Referências Gramaticais:

GESENIUS, H.F.W. **Hebrew Grammar**, Claredon Press, Oxford, 1910.

BLASS, F. DEBRUNEER, A-FUNK, RW**. A Greek Grammar of the New Testament**. University of Chicago Press, Chicago, 1961.

6) Concordâncias:

Da Bíblia.

Do Antigo Testamento – Hebraico

Do Novo Testamento – Grego

Da Septuaginta -Grego do Antigo Testamento

7) Dicionários:

Todos: Português, Hebraico, Grego, etc.

8) Fundamentos:

Histórias de Israel: Bright, Soggin, Fohrer, Herrman e outras mais recentes.

Introduções ao Antigo Testamento: Bentzen, Sellin-Fohrer, Hombug, Schmidt, Rendtorff, Eissfeldt, etc.

Mundo da Bíblia: Antigo Testamento. Existem bons livros sobre o assunto. Devemos recordar o Livro de M. Noth. Do Novo Testamento – introduções de: Kuemmel, Marxsen, etc. Do meio ambiente: Foester, Brakemeier, Freyne, Lohse.

Manuscrito do Mar Morto.

Textos relacionados com o meio ambiente: ANET, ANEP

Traduções e Versões: Bíblia de Jerusalém, Linguagem de Hoje, Almeida, Vozes, Paulinas, Vida Nova, T.E.B.

IV. CRÍTICA DA FORMA

Formgeschichte e Gattungsgeschichte são os termos usados pelos alemães e o tempo pode ser definido da seguinte maneira: análise da forma típica pela qual a existência humana é expressa lingüisticamente, tradicionalmente. Isto se refere em particular ao estágio oral ou pré-literáriol como as lendas, os hinos, os lamentos, etc.

Os termos acima referidos como: Crítica da Reforma é tradução que significa: "a história das formas".

Aparece pela primeira vez na obra de Martin Dibelius "**A História das Formas dos Evangelhos**". Mas nos estudos bíblicos começaram no Antigo Testamento e foi com Herrman Gunkel (1862-1932), descreve-se os princípios e métodos (eles foram denominados de "história dos tipos literários ou de gêneros", está ainda limitado em sua obra "O que Permanece do Antigo Testamento" (**What Ramains of the Old Testament**)).

À questão da Crítica da Forma vem do século de origem o que foi a Crítica Literária definida já anteriormente. A crítica literária tem reconhecido o caráter composto tanto dos documentos do Antigo Testamento como do Novo Testamento e tem proposto datas. Mas a Crítica Literária tratou a Escritura, particularmene o Pentateuco e os Evangelhos Sinóticos, como produto, como produto literário de personalidades individuais e não como depósito de testemunhas vivas da tradição do povo comum, tradições da experiência e da crença variada da vida mesma. O que foi, a análise da forma literária, era a ordem para descobrir a história de seu desenvolvimento.

Hermann Gunkel notou que existiam duas fontes literárias de classificação: a prosa e a poesia; incluindo formas míticas, folclore, sagas, romances, lendas, narrativas históricas; a última com sabedoria o oráculos proféticos, poesia lírica secular, hinos de agradecimento, salmos escatológicos, etc. H. Gunkel também notou que, certos tipos são reconhecidos abertamente por suas fórmulas introdutórias (cânticos ao Senhor, louvor ao Senhor), e que cada tipo emerge de um fundamento específico da vida de um povo; e que, pôr causa disto, um gênero dado seu insight para a situação vivencial (Sitz im Leben) e ao redor disto e no fundamento ilumina o conteúdo e a intenção do próprio gênero literário.

H. Gunkel coloca: “Para entender o tipo literário podemos em cada caso ter uma completa situação clara e objetiva para além de nós e de nossas respostas. Quem está falando? Qual o efeito dado?” (p.62). Finalmente, H Gunkel sugere que, o tipo literário envolve o que floresce e morre ou são mudados, podem colocar em relação cronológica como relação formal para cada um.

Estas formas provem e a data da históra literária de Israel. Ele descreve o fim da história: “o espírito perde o poder. Os tipos se exaurem. Imitações são feitas. Redações tomam lugar de criações originais. Cessa o Hebraico para viver a língua do povo. Ao mesmo tempo, que as coleções (salmos, leis, lendas e provérbios, são agrupados em longas coleções e o Cânon tem sido fechado”. (p. 66).

H. Gunkel aplica o método da Crítica da Forma ao livro de Gn (**The Legends of Gênesis**, New York, Schocken Books, 1966) e aos Salmos, com grandes resultados. Mas, sua aplicação para a história de Israel

faliu com o Criticismo da Forma que observou o puro formalismo. O criticismo Textual – surgido em 1930 – renovou o esforço de analisar a história de transmissão da tradição, sua forma variada e suas mudanças.

Em anos recentes, o surgimento metodológico da Crítica da Forma tem sido mudado pela Crítica Retórica e a Lingüística Estrutural. Sob o exame da relação do gênero, para o fundamento, de uma tradição oral para a escrita, da forma para o conteúdo, do convencional para o tipo do texto.

A Crítica da Forma sugere que a noção do gênero, do fundamento, e das funções mais complexas que o Criticismo da Forma tradicional e que tipicamente vem a manipulação do texto e pode incluir um ou mais fatores no puro plano morfológico, assim como: o fundamento, a função, a intenção e a estrutura, etc.

Os quatro métodos mais ou menos adicionais ao método da crítica da forma tem sido esboçados da seguinte maneira pôr Gene M. Tucker:

0 Estrutura: uma análise do esboço, do esquema, do fundamento ou do sistema de um dado gênero, o inclusio, aberto ou fechado, os fundamentos concencionaid (paralelismo quiasmo, etc.);

1 Gênero: uma definição e descrição da unidade conforme seu tipo (ou tipicamente definido);

2 Fundamento: uma determinação da situação social (ou de outros fatores como: o estilo e de uma época ou linguagem (língua, no sentido estruturalista) e deu origem ao gênero, para outras formas típicas do texto, ou texto individual por outro lado;

3 Intenção: uma pesquisa do propósito e função, o modo e o conteúdo, o gênero em geral e especificamente de um exemplo para o estudo.

A forma literária do Antigo Testamento, a tradição oral, depois a crítica, surge um problema diferente para o Novo Testamento. O Antigo Testamento, em alguns lugares, tem muito de tradição oral, nos Evangelhos Sinópticos, como em todo o Novo Testamento, na Crítica da Forma, mostra que tem 30 a 60 anos a mais; as cartas de Paulo, menos de tradição oral. Portanto, as formas do Antigo Testamento, são numerosas em comparação com o Novo Testamento relativamente pouco. Por esta razão e outras as duas disciplinas desenvolvem longas linhas independentes de cada uma.

A Crítica do Texto surge no Novo Testamento com os escritos de K.L. Schimdt, M. Dibelius e de R. Bultmann. V. Taylor (**A Formação da Tradição dos Evangelhos**, Mcmillan, London, 1933), faz apropriação deste método. Desde o início, o método tem sido aplicado a uma variedade de material do Novo Testamento.

Como nos estudos do Antigo Testamento, o propósito da Crítica da Forma no Novo Testamento foi definido tradicionalmente como a redescoberta da origem e da história das unidades individuais e foram dadas luzes sobre a história da tradição da forma literária, que determina as várias unidades para traçar a vida de Jesus, a Igreja Primitiva, a atividade redacional dos escritores dos Evangelhos.

M. Dibelius começa com a origem de que, o fundamento na vida da Igreja e o início e a formação de material sinóptico foi o sermão (kerigma) e o ensino cristão (didaquê). R. Bultman atribuiu às formas da Igreja e a atividade ralacional, ele conclui que, nada deve ser atribuído a Jesus, a certeza absoluta.

Um impedimento da Crítica Textual foi a verdade inicial da claridade terminológica. Quando a unanimidade existe, para identificar certas formas (narrativas, ditos, estórias e milagres, etc.), pouca concordância existe concernente à subdivisão destas classificações ou a terminologia apropriada.

Certas formas da Crítica Textual metodologicamente, a forma lingüística surge para elucidar aspectos diferentes da vida, as diferenças do material sinóptico são partes da transmissão oral; a forma, o conteúdo e a função são relacionadas por vários caminhos. O que foi mencionado acima, estas colocações e outras serão repensadas.

Podemos dizer que a forma inicial da Crítica da Forma começou com as fontes históricas dos Evangelhos para chagar-se à biografia de Jesus e também de relevâncias das parábolas como discurso que mais ilumina a vida e a mente de Jesus. Finalmente, a Crítica da Forma, é um esboço fragmentário dos Evangelhos que ignora o pensamento e o fundamento dos Evangelhos escritos. Tudo isso, foi corrigido pela Crítica da Redação.

A análise lingüística Estrutural muda a base do material escrito e provê o acesso para todo período da tradição oral. Outro ponto: a "forma" e a "estrutura" não são realidades objetivas, mas são relatadas por um

observador, que, no caso do Criticismo da Forma, não pode ser executado isoladamente, mas envolve juízos e conhecimentos para a existência humana da vida, da organização social aos lamentos da vida pessoal.

V. MÉTODO HISTÓRICO–CRÍTICO

Este é um termo freqüentemente usado como sinônimo errôneo de uma metodologia relacionada ao Criticismo Bíblico. Este termo errôneo em certas metodologias peca por não ser histórico na pesquisa, mas como o Estruturalismo e a Lingüística, e outros métodos, o ensaio é debatido pela Crítica da Forma.

Estritamente falando, o Método Histórico-Vítico refere-se à ligação do princípio do raciocínio histórico que vem por completo no século XIX, ele realmente é uniforme e universal, é acessível à razão humana e à investigação, que todos os eventos históricos e as ocorrências naturais neste princípio pela analogia e pela experiência comparável do homem contemporâneo com a realidade e torna um critério objetivo pela qual não tem acontecido no passado e como será determinado.

O Método Histórico-Crítico tem sido, muitas vezes, uma visão da realidade. Mas os defensores deste método viveram no século XIX sob a égide da "objetividade" transformou estes traços num dogma ou fonte teológica. Indo ao extremo, este método resultou na Crítica Radical. Portanto, no século XX, o papel e a origem básica do M.H.C que constituiu o "método", tem sido energicamente debatido contentemente, se o M.H.C por definição regula o Divino como fator causador da histórica, pode ser compreendido na Igreja pela Bíblia como a visão de Deus e a história precisamente neste caminho?

Após isto, se de fato todo evento na história tem um único sentido e o valor é princípio de analogia? E ainda, é o significado de todo evento

redutível uma verdade objetiva? E finalmente, esta forma tida como "objetividade" na interpretação da história existe um caminho?

1. CRÍTICA HISTÓRICA

É o mesmo que o Método Histórico – Crítico, visto anteriormente. Também a Crítica Histórica constantemente definida de acordo com o fundamento histórico de um documento, o tempo e o lugar em que ele foi escrito, suas fontes, se algumas vezes, os eventos, datas, pessoas e locais mencionados ou implicados no texto, etc. Esta meta é o escrito de uma narrativa cronológica de um evento pertinente, revelando que possível natureza e interconexão dos eventos próprios.

Assim definido, a Crítica Literária é a análise de um documento em termos de seu caráter literário. Em anos recentes, especialistas tem encontrado esta distinção artificial, evidente pelo uso do termo de união, a crítica –histórica -literária. Estes dois termos supracitados são separados dos outros, estes termos é de meta e não de método, portanto, como exemplo, a antiga divisão curricular entre a "História de Israel" e a "Literatura de Israel" que formalmente existiu nos colégios e seminários.

2. HISTÓRIA E ESTÓRIA – Fato e Acontecimento Histórico

Na recente teologia bíblica uma distinção tem sido feita entre eles, por outro lado, a história é o fato objetivo, externo e verificável, e no outro, a estória é o significado interno e não verificável. Teólogos alemães têm usado dois termos para distinguir: as palavras: **Historie**

para referir a forma e a palavra **Geschichte** para demonstrar o conteúdo. Jesus foi um homem que viveu no século I d.C., é uma declaração objetiva de um fato histórico verificável mesmo pela cânon da razão histórica e que qualquer fato passado é verificável.

Ele foi o Filho de Deus: não pode ser verificado, se um fundamento interpretativo sobre o significado do homem Jesus, a validade é afirmada somente pela fé. Esta distinção permite a asserção de alguma coisa (a ressurreição de Jesus) é "verdadeira" em termos história-como-significado, mas não é "verdade" no sentido de história como fato, isto é, objetivamente verificável.

O uso apropriado deste termo como em dois modos de adjetivos podem ser: histórico-geschichtlich – e o fato em si – historisch. Por assim dizer, um evento é histórico não porque ele possui grande significado para um povo, mas, pelo evento, é um fato, é simplesmente um acontecimento, sem juízo está concernente a seu significado. Para o papel destes termos e seus significados, ver A. Van Harvey, **The Historical and the Beliver**, New York, Macmillan Co. 1966.

3. **CRÍTICA LITERÁRIA.**

É um termo no campo geral da Crítica Bíblica, tem três definições conforme seu uso histórico, técnico e contemporâneo.

1. Abre um caminho para a análise da escritura, apareceu em forma sistemática no século XIX (freqüentemente chamado de Crítica da Fonte) e que, redefinido consideravelmente, é ainda praticado;
2. É uma investigação de um texto que torna a explicar a intenção e a realização do autor entre a análise detalhada de elementos componentes e a estrutura do texto mesmo (o que é um escrito e porque será em diferentes formas),

3. É uma tomada de conteúdo para compreender a literatura bíblica como literatura, freqüentemente em muitos paralelos, o interesse e método da crítica contemporânea, geralmente como as de I. A Richards, T. S. Eliot, N. Frye, etc.

O termo: Crítica está no sentido aqui usado, data somente do século XVII, o juízo representa, na antiga Grécia, sobretudo na Poética, de Aristóteles. Especialistas de Igreja falam de Grécia Antiga, a prática da Crítica Literária, tem questionado a autoria dos livros da Bíblia como base de fatores da lingüística e estilística; com base em Orígenes (185-254 d.C.) credita a Paulo, o autor do Livro de Hebreus como que seus discípulos Dioniso de Alexandria disputou a autoria comum do Evangelho de João e o libro do Apocalipse. Quando Martinho Lutero, no século XVI, chama atenção para a interpretação das Escrituras conforme seu significado literal (Sensus Litteralis), ou quando denomina a Epístola de Tiago uma "epistola de palha" e para o livro de Apocalipse nada tem sido escrito, e que os juízos (valor literário) inclui os juízos concernentes ao conteúdo (Sachkritik, SachExegese) e a interpretação (Hermenêutica).

Como sendo espírito anticlerical, antidogmático do século XVII E XVIII (particularmente na França e Inglaterra) colocou a Escritura mais e mais sob o escrutínio da razão, a observação da crítica literária começa a se acumular. São capacidades radicais do conteúdo, repetições e interjeições tudo no livro simples (Gn) pontuado, parecido ou de uso das fontes múltiplas na composição e por outro lado, um último redator ou compilador.

Com a origem da razão histórica, especialmente no século XIX, questões históricas concernentes a autoria, origem e fundamento histórico dos escritos e de suas partes componentes foram acrescentadas acima das observações puramente literárias.

A resposta a estas questões históricas dependentes de um delineamento das fontes existentes nas Escrituras, a Crítica da Fonte com especial os cinco livros do Antigo Testamento (Pentateuco, Torah) e para os três primeiros Evangelhos (Sinópticos). A solução do século XIX para a origem do Pentateuco foi denominada da **Hipótese Documentária**; a solução para os Evangelhos Sinópticos foi chamada de **Hipótese das Duas Fontes** foi eventualmente aplicada à virtualidade de todos os livros da Bíblia. Algumas vezes, isto foi levado ao extremo, com múltiplas fontes propositadamente esquecidas atrás de cada verso singular, contudo, as últimas descobertas ocorridas mostram estes fatos (II Isaías, Q).

A crítica Literária no século XIX foi colocada, não simplesmente pela metodologia histórica, mas pelo idealismo filosófico, neste período,

por idéias do individualismo, progresso moral e a evolução social. O autor, com um espírito criativo foi mais objeto que inquirição literária então o que a obra produzia. Assim, a Crítica Literária do Antigo Testamento, especialmente, o epitomizado por Julius Wellhausen (1844-1918), funcionou com as duas maiores ascensões não consideradas válidas:

0 O editor (redator) do Pentateuco, utilizou os documentos escritos que foram produzidos ou foram produtos literários de uma criatividade singular individual;

1 A literatura de Israel envolvida entre estes estágios reflete a evolução da Religião Israelita mesma. Esta afirmação foi errônea. As fontes por trás do Pentateuco têm sido vistas pela Crítica a forma e pela Crítica da tradição do século XX pertencentes à tradição oral e que foram preservadas na variedade de formas como Salmos, credos, leis, sagas, etc. e que foram diferentes situações da vida do povo.

Os estudos do Novo Testamento realizados durante este período, mostram muitas formas idênticas ao da Crítica Literária do Antigo Testamento, estes documentos foram escritos sempre e explicados pelo relacionamento dos Evangelhos Sinópticos (Ur Mc, Ev Cl, Proto Lc, Q) e que o desenvolvimento da literatura do Novo Testamento foi explicada numa linha evolucionária (F. Baur); mas, o propósito da Crítica Literária foi descobrir o autor na sua situação, intenção e auxílio (Tendenzkritik) e que o valor da Literatura do Novo Testamento, as parábolas, tem uma percepção e instrução moral. Isto, descoberto, permanece inalterado.

Na crítica da forma e a Crítica da Redação mostraram , por exemplo, os Evangelhos não são simples esforços primitivos de uma biografia histórica, como no século XIX (a Questão do Jesus Histórico), mas complexo, teologicamente motivado e interrelacionado de materiais de épocas e origens diferentes, alguns talvez de Jesus, outros da Igreja Primitiva, outros dos próprios escritores do Evangelhos. Estes estudos têm posteriormente mostrado que a forma e o conteúdo literário não podem ser facilmente separados e que as imagens lingüísticas e as formas tem afetado o conteúdo cognitivo, e que as formas têm acentuado o significado teológico e estético.

A Crítica Literária no século XX tem ido além das questões prévias do século. A Crítica Literária neste sentido de diferente modo é ainda procurado para explicar como é que Paulo escreveu II Ts, ou Ef, ou Cd. Uma análise elaborada pode agora ser computadorizada.

Mas, o pertencer (como de forma diferente) está agora mais atento ao interesse e a metodologia da Crítica Literária geral do que para a filosofia e o Estruturalismo. O interesse da Crítica Literária secular por parte de especialista da Bíblia tem sido constante.

4. CRÍTICA RADICAL.

Conforme o teólogo e especialista do Novo Testamento, Werner Georg Kuemmel, uma distinção deve ser feita entre o “fundamento radicalmente histórico” para a Bíblia (que tem caracterizado nas obras de J. Wellhausen, W. Bousset, M. Goguel, A. Loisy, H. Gunkel e outros) e o

“fundamento do Criticismo de Bruno Bauer” e que os especialistas vários holandeses, alemães, franceses e ingleses deste século têm permeado a existência de Jesus e a autoria paulina de todas as epístolas por ele assinadas (ver os outros métodos: C.B., M.C.H, C.H.).

5. CRÍTICA DA REDAÇÃO

A Crítica da Redação é um método de crítica bíblica, que mostra além das perspectivas teológicas de um escritor bíblico, ao analisar as técnicas editoriais (relacionais), a composição e o emprego da interpretação pôr ele feita e utilizada através do escrito e da tradição oral (Lc 1:1-14). A Crítica da Redação no Novo Testamento pertence aos Evangelhos Sinópticos, é geralmente concebida como uma correlação lógica e metodológica da Crítica da Forma, que é, aliás, a identificação de elementos formais na composição, a forma e seu uso a interpretação da unidade total literária como um todo coerente e de significação.

A Crítica da Forma no Novo Testamento, os estudos começam em 1922ss, fragmentou os Evangelhos Sinópticos numa multidão de formas lingüísticas disparates (parábolas, estórias de milagres, ditos, etc.), num esforço de distinguir entre “elemento relacional” pôr um lado e as formas antigas e tradicionais pôr outro, foi considerado ser de grande valor.

Conseqüentemente, a Crítica da Forma tendeu a tratar os escritos sinópticos como meros “colecionadores” ou “tradições” que “somente são ditos de autores (M. Dibelius. **Da Tradição aos Evangelhos**. Charles Scribner’s and Sons, N.Y., 1935).

O uso do autor de seu material foi, assim, desmembrado. O interesse centrou na descoberta do esboço hipotético da vida da Igreja que propositalmente deu origem às próprias formas. O esboço literário deu origem às tradições dos Evangelhos, suas funções, seus significados e passou a ser irrelevantes, a Crítica da Redação positivamente é o fundamento relacional que na tradição, tem sido localizada com o que provê correção do sistema metodológico da Crítica da Forma.

O uso do evangelista, o desuso ou a alteração da tradição conhece-o nesta visão, aliás o fundamento original e a forma da própria tradição. A Crítica da Redação, pôr exemplo, mostra porque Lucas altera a tradição concernente a Marcos e João sobre João Batista denominado como Elias (Mc 6:15-16 cit. Lc 9:7-9, Mc 6:17-29 e 9:9-13 não existem em Lucas); por que ele tem, a narrativa presente no início e no fim do ministério de Jesus e não durante o mesmo (Lc 4:1-13; 22:3 em Mc 8:31-33 cit. Lc 9:21-22)?. Porque restringe o aparecimento do Senhor ressuscitado em Jerusalém e seus arredores (Mc 16:7 cit. Em Lc 24: 6-7, 44-49; At 1:4)? Em resposta a estas questões e outros relatos como estes, a Crítica da Redação tem efetivamente restaurado os escritos Sinópticos de seu local exato como teólogos da Igreja Primitiva. São mais palavras de especialistas os “antigos exegetas” da tradição cristã, não meramente seus primeiros editores.

A Crítica da Redação, somente mostra as fontes identificáveis que estão presentes na composição, assim como, os Evangelhos e os livros do Antigo Testamento citados no Novo Testamento ou o Dt e Jz no Antigo Testamento. É importante notar que, a Crítica da Redação como

aplicável aos Evangelhos Sinópticos, é baseado na Hipótese das Duas Fontes e que nomes como Mc e Q são fontes nos escritos de Mt e Lc. A prioridade de Mt é estabelecida como sugere a análise crítica da redação dos Sinópticos terá que começar tudo de novo.

O termo Redaktiongeschichte, foi concebido por Willi Marxsen (1954) e seu livro Marcos, o Evangelista, é um exemplo antigo como a obra coletiva de Gunther Bornkamm-Gerhard Barth-H.J.Held A Tradição e Interpretação em Mateus ou ainda o de Hanz Conzelmann A Teologia de são Lucas.

A Crítica da Redação tem representantes com obras inaugurais, não sem precedentes com especialistas do Antigo e do Novo Testamento. Nos estudos do Novo Testamento, os historiadores colocam W.Wrede e sua obra *O Segredo Messiânico* e R.H. Lightfoot *História e Interpretação nos Evangelhos*, como nos estudos também de A. Schlatter. (Norman Perrin, *Redescobrindo o Ensino dos Evangelistas*, Westminster, Filadélfia, 1969).

Os antecedentes na pesquisa do Antigo Testamento incluem as perspectivas concernentes à Crítica da Redação, no fato de que, em nome, incluindo o de Gerard von Rad sobre o Pentateuco, o de Martin Noth nos estudos de Deuteronômio e dos profetas anteriores (Js –II Sm).

Estritamente falando, a Crítica da Redação como "História da redação se aplica como termo mais apropriado para a pesquisa do Antigo Testamento, então na pesquisa do Novo Testamento, desde os Evangelhos (exceto o de João) são obras de um redator e não de vários redatores num período de tempo como no caso de alguns escritos do Antigo Testamento"

Wolfgang Richter**. Exegese als Literalturwissenschaft.** Vandenhoech und Ruprecht, Goettingen, 1971

6. **CRITICISMO RETÓRICO**

Este termo foi em 1968, pelo especialista do Antigo Testamento, James Muilenburg, para denotar o fundamento metodológico aplicado à Escritura designado para suprir o que fazia a crítica da Forma. Ele sugere esta tarefa para mostrar o parceiro estrutural empregado na procura da unidade literária, na prosa ou na poesia para discernir os desvios vários (como: paralelismo, analogia, anaphora, epiphora, inclusio, etc; para qual, as pregações da composição formuladas e ordenadas servem para unificar o todo: Crítica da Forma e outros mais).

A Crítica da Forma, tradicionalmente definido, mostra a típica e representativa a crítica Retórica; como J. Muilenburg concebe e mostra que o único e pessoal é traçar o movimento dos pensamentos dos escritores. Outros especialistas sugerem, que não constitui um suplemento à Crítica da Forma, mas uma renovação do próprio, método de um aspecto negligenciado do método da crítica formal e que tem uma designação separada.

O campo abrangente que a Crítica Retórica abarca (a crítica, o filosófico, o histórico), é excessivamente vasto e antigo, abrangendo ainda, todas as formas de comunicação humana que é traçado pela Retórica, de Aristóteles.

7. **CRÍTICA TEXTUAL**

A função e o propósito da Crítica Textual é de dupla natureza:

1- A Reconstrução da palavra original do texto bíblico;

2- Estabelecer a história da transmissão do texto entre os séculos.

O primeiro das duas metas é um, fato hipotético formal. Em toda instância, o copiar do texto original era chamada como autógrafo) dos livros da Bíblia está perdida e a reconstrução é uma matéria de conjuntura. A tarefa da Crítica Textual é, então, comparar os MSS existentes, os dois que são comuns em ordem de desenvolver um "texto crítico" e que alista variantes de leituras em notas de rodapé de página, chamado de "Apparatus Criticus". Traduções modernas de Bíblia são baseadas nestes textos críticos (B.M. Metzger).

A textual não somente provê uma idéia de como o texto original pode ser lido, mas provê o conhecimento de como se pode ler, e alguns aspectos de como ele foi interpretado e vários outros textos foram lidos, a fé em vários tempos da história cristã. Por exemplo, em algum tempo depois 300 d.C. e o primeiro MSS da Igreja Ocidental fora adicionado no Evangelho de João a perícope da mulher surpreendida em adultério (Jô 7:35-811).

Este fato, atestado pelo Criticismo Textual, provê a data para a compreensão da Igreja no século IV d.C., o status do cânon, etc. na respectiva passagem autêntica da mesma. Esta é a ilustração dramática da história da transmissão do texto, mas, outros exemplos ser aduzidos.

O estudante não familiarizado com o Hebraico, o Aramaico e o Grego, as línguas em que a Bíblia foi escrita originalmente pode ter

alguma idéia do resultado do Criticismo Textual, comparando as modernas traduções da própria Bíblia.

A última, de 1611, descoberta numa pele de Cabra, é um papiro MSS da Bíblia, foi preparada do MSS antigo que é notavelmente inferior às encontradas atualmente. Os Manuscritos do Mar Morto sobre o Antigo Testamento, encontrados em 1947-1954, são os exemplos destes textos.

Na antiguidade fora ainda a inventado o texto, MSS foram copiados à mão; portanto, não estão livres de erros. A cada mudança inevitável no erro de um MSS, uma nova cópia era feita até acabar com os erros. Variações entre MSS acontecem por diversas causas:

0 Perda física – por acidente ou queda, lacunas existentes no texto;

1 Omissão por acidente através do olho do copista (dictografia, haplologia, homoioleuton, homoioarchton);

2 Erros comuns dos antigos na própria leitura do texto;

3 Juízo exegético (a colocação com erro em vogal nas consoantes em hebraico, ou nas letras em grego, mesmo com o original do texto do Antigo Testamento Hebraico aparece somente com consoantes, ou nos textos gregos do Novo Testamento possui uma divisão de palavras sem pontuação;

4 Alteração foram deliberadas do texto com o propósito de esclarecimento, correção e apologética.

As fontes do Antigo Testamento no Criticismo Textual possuem um vasto número para o Novo Testamento foram comparados:

0 O texto grego do Antigo Testamento conhece em suas várias edições :em alguns casos foram preservados fragmentariamente ou como citações por padres apostólicos ou em notas marginais da LXX; Áquila, Kaige, Luciano, Grego Antigo, LXX, Símaco, Teodósio.

1 Os músculos do Mar Morto datam dos anos antes do século X d.C. conheciam previamente os MSS do Antigo Hebraico.

2 O texto massorético (TM) do Antigo Testamento Hebraico, datando do século IX a.C.;

3 Antigas versões da LXX (estas traduções foram chamadas de Tradutores ou Versões): Vetus Latina, Cóptica, Etíope, Siro-Hexapla);

4 Antigas versões do texto do Antigo Testamento Hebraico, Targuns, Peshita, Vulgata; Pentateuco Samaritano.

As fontes do Novo Testamento apresentam figuras diferentes com MSS numerados acima de cinco mil. Os MSS são categorizados segundo o sistema iniciado por J.J. Wettstein e desde esta expansão incluem:

1- O **papiro** MSS mais antigo dos MSS do Novo Testamento e mais recente descoberto de Chester Beaty o próprio Bodmer em 1930;

2- **Unciais** ou MSS com letras maiúsculas como o Codex Sinaiticus;

3- **Minúsculas** ou escritas com letras cursivas, datando do século IX d.C.;

4- Antigas **versões** como Siríaca, Cóptica, Etíope e a Vetus Latina;

5- **Citações** dos Padres Apostólicos;

6- Antigos **lecionários** (citações das Escrituras usadas no culto e na devoção diária). De pouco interesse histórico são os óstracas ou talismãs inscritos nos textos da escritura como exercício de memória e de recitação.

O Princípio da Crítica Textual é pouco mais que, regras ou "codificações do senso comum", como se tem sugerido, ou "senso comum e uso da razão" (A.E. Housman). Isto inclui também:

1. <u>Critério externo</u>: desde que um MSS de um tal texto é teoricamente relatado em todos os outros textos MSS, é possível tratar um MSS genealogicamente, como são chamados de texto-tipo, ou em alguns casos, simplesmente de "família". Textos-tipo são subdivididos, mais acuradamente, na área geográfica de sua origem, assim como o Alexandrino (Egito), Ocidental, Bizantino, etc. A nomenclatura e as categorias são mesmo debatidas pela Crítica Textual do texto-tipo vários de valor. Um MSS de uma família inferior, antigo, vale menos que um recente com tipo superior. A avaliação será dada pelo MSS e da teoria do texto-tipo que ocupa muito a Crítica hoje.

2. <u>Critério interno</u>. As seguintes formulações são tradicionais:

0 A mais difícil leitura é freqüentemente preferida (Lector Difficiliter Potion);

1 A leitura será dada pela origem da outra;

2 A leitura característica do autor é geralmente preferida. Esta "regra" é considerada por muitos especialistas como a circunlocução pelo turismo meliolectio potior – a melhor lei preferida – indica que a crítica textual não é uma ciência objetiva e mostra em algum lugar, um certo subjetivismo chamado de Alta Crítica.

A história da Crítica Textual começa aqui. É um antigo fundamento da crítica da Escritura. Ela data desde Orígenes (185-254- d.C.). Como crítica metodológica, começa a Crítica Textual no século XVII e XVIII com a obra de John Stuart Mill (1687-1752), J.J. Wettstein (1693-1754), J.S. Semler (1725-1791) e J.J. Griesbach (1745-1812).

8. **CRÍTICA DA TRADIÇÃO.**

Este também denominado de História da tradição, de Crítica Histórica. O termo tradição que no alemão corresponde a Traditionseschichte, Ueberlieferungsgeschichte (História da Transmissão da Tradição) tem sido usada freqüentemente.

A Crítica da Tradição é o estudo da história da tradição oral durante o período de sua transmissão. Neste sentido, é usualmente distinto da Crítica da Forma, da Crítica textual, da crítica Literária e da crítica da tradição.

Mas o escopo e os métodos destas disciplinas não são dirigidos, particularmente à Crítica literário, e a Crítica da forma, e não é de se surpreender que a Crítica da Tradição é representada por G. von Rad, a Crítica Literária em M. Noth. É basicamente antitético por I. Engnell, de uma distinta metodologia por W. Richter, ou de um amálgama por M. Saebe.

A constituição de foco da Crítica da Tradição é definida igualmente variada. Por outro lado, é a história oral que está em vista. Algumas vezes, exclui estágios de composição, mas freqüentemente inclui a reconstrução de uma história total de uma unidade literária de sua

origem hipotética e do desenvolvimento em seu estágio oral de sua composição e redação final na forma literária.

Assim, chamada, de “raízes da tradição”, veio sob a investigação do qual é o seu meio sócio-religioso as tradições (profética e o círculo sacerdotal) que deu lugar e o significado para outros corpos da tradição, como: o rito do festival acompanhado da renovação anual da aliança divina. Conjectura considerável tem sido dada ao local geográfico de sua origem por várias tradições, como: Siquém, Jerusalém, Betel. Outras tradições que os historiadores focalizam não são unidades específicas da Escritura ou a forma oral particular, mas certas idéias, temas ou motivos e de seu desenvolvimento.

Traditionsgeschichte, como é empregado pelo especialista do Antigo Testamento, Ivan Engnell (1906-1964). Ele aplicou completamente este método no estágio final da tradição. Mudando a possibilidade de discernir o vocabulário da tradição ou o relacionamento de sua transmissão, ele analisa o fim do produto, com referência à técnica de composição, os parceiros, os motivos e os propósitos como que pequenas unidades da tradição e o relacionamento com seu conteúdo no texto.

Ao mesmo tempo, ele chama a atenção para o uso de todos os outros tipos com datas relevantes: a literatura, o ideologia, a psicologia, a sociologia, a arqueologia e a cultura. A ênfase de Ivan Engnell sobre o estágio final da tradição tem a crítica e a sugestão era para o uso deste termo de forma inapropriada Crítica de Motivo é sugerido neste caso.

O interesse para como estágio oral da tradição Bíblica e a sua formulação literária é datada do século XIX e depois; pertence essencialmente ao século XIX e finalmente revivido por H. Gunkel e por Hugo Gressmann, no início deste século.

A Crítica da tradição é especialmente identificada com G. von Rad (1921-1971), M. Noth (1902-1968), na Alemanha; S, Mowinckel (1884-1965) e Ivan Engnell, na Escandinávia. Para uma visão histórica da Crítica da Tradição e a sua metodologia e a aplicação da mesma ver:

No Novo Testamento, a Crítica da Tradição está relacionado com o desenvolvimento da tradição do período pré-paulino, cerca de 30-50 d. C. Especialmente com, os fragmentos das antigas liturgias, dos hinos, das fórmulas jurídicas, no contexto do batismo, da eucaristia, da catequese e da proclamação.

VI. EXEGESE LATINO-AMERICANA

Depois de todas estas considerações, vimos o método H.C. feito no continente do primeiro mundo. Vejamos como, o terceiro-mundo está lendo a Bíblia.

Num primeiro momento, a América da Exegese Européia, feita por teólogos influenciados pelo marxismo e denominada de "leitura materialista". Vimos também como a Leitura Estruturalista percorre duas vias: a da antropologia, feita pelos especialistas franceses que abrangem também a literatura e sob influência de Claude Lévi-Strauss, e a lingüistica, em Émile Benveniste e Vladimir Propp.

Depois de toda estas histórias, a Exegese Latina -Americana parte do materialismo e outros do estruturalismo (Na Argentina, Severino Croato faz este tipo de exegese). No Brasil, Chile, Peru e a América Central optaram pela leitura sociológica ou a Leitura dos Quatro Lados.

A. Leitura Sociológica dos Quatro Lados.

Esta leitura tem seus pressupostos na Teologia da Libertação. A tríade criada por especialistas mostrava que a leitura a Bíblia faz parte de toda a realidade, inclusive a hermenêutica, partindo de: ver, julgar e agir. Este sistema foi baseado na metodologia elaborada por Paulo Freire em sua Pedagogia do Oprimido. O ver se relaciona com a análise, o julgar é o discernir e o agir é a prática.

A leitura sociológica da Bíblia pressupõe quatro etapas, que são a visão sociológica (as classes sociais e as lutas de classe) e a visão ideológica (ou religiosa-teológica), a econômica e a política. A esta leitura se acrescentam outras formas mais recentes, como o auxílio de outras ciências: a Antropologia, e a hermenêutica. Estas ciências auxiliares são do campo social e humano, ajudam a compreender melhor o período, a sociedade, e a época do autor.

A inserção da economia, da política, da sociologia e da ideologia foi como um processo de pesquisa e de escolha. Não se utiliza a teoria e econômica americana de Friedman que transforma a produção econômica como um projeto de Deus. Este autor, faz uma leitura inversa e teológica da economia. O processo, ao contrário, é ler a economia da teologia. A sociologia não podia ser de forma alguma a sociologia funcionalista americana e a ideologia não poderia ser a burguesa.

A Exegese latino-americana optou pela leitura marxista, materialista da Bíblia, não aquela feita na Europa. Esta prescinde do ateísmo e apenas utiliza a metodologia ou o instrumento, para fazer uma

releitura da realidade à partir da teologia. Por isso, não pode ser entendida como muitos fazem como uma leitura ateísta.

A partir de um exemplo, podemos notar as diferenças, como ele funciona através de seus quatro aspectos. Como fazer uma exegese latino-americana.

B. **EXEMPLO:**

Texto: Gn 2:18-25

A- Texto

Este texto faz parte do Escritor javista (J) que data do século XI ou XI a.C. é o primeiro relato da criação. Começa com a criação dos animais, do homem e da mulher. Faz parte da ideologia davídica, pois tem seu início na historiografia israelita do reino de Davi.

Quando ao texto original, a reconstrução do mesmo tem poucas alterações e variantes. A redação final só acrescentou alguma coisa, tem um <u>incluso</u>, uma interpolação e os acréscimos posteriores são poucos. Os vs. 18 e 20 têm incluso posterior. Pode-se fazer uma comparação com o segundo relato da criação que aparece no capítulo inicial. Este escrito vem do Elohista ou Sacerdotal.

B - Tradução do texto:

18- JHWH Deus disse: “Não é bom que o homem esteja só. Vou fazer lhe uma auxiliar que lhe corresponda”.

19- JHWH Deus modelou então, do solo, todas as feras selvagens, e as conduziu ao homem para ver como ele as chamaria: cada qual deveria levar o nome que o homem lhe desse.

20- O homem deu nome a todos os animais, às aves do céu e a todas as feras selvagens, mas, o homem não encontrou auxiliar que lhe correspondesse.

21- Então JHWH Deus fez cair um sono sobre o homem e ele dormiu. Tomou uma de suas costelas e fez carne em seu lugar.

22- Depois, da costela que tirara do homem, JHWH Deus modelou uma mulher e a trouxe ao homem.

23- Então o homem exclamou:

> "Esta sim, é osso do meu osso,
> carne de minha carne!
> Ela será chamada mulher (ishah)
> Porque foi tirado do homem (ish)!"

24- Por isso, o homem deixa seu pai e sua mãe se une à sua mulher, e eles se tornam uma só carne.

25- Ora, os dois estavam nus, o homem e a sua mulher, e não se envergonhavam.

C - CRÍTICA DA FORMA E LITERÁRIA.

O que ser repete, em algumas idéias, no v.20 e o v.19, no v.20 principalmente é a idéia de dar nomes. O chamar, dar nomes se repete no v. 19, no dominar os animais, e no v.23 o dar nome à mulher. O dar

nomes conforme a maioria dos autores de leitura sociológica significa dominar, subjugar. No v.23 a ishah é tirada de ish.

O v.24 é um incluso posterior, que foi colocada em conexão com a situação da lei do matrimônio que está descrito em Levítico e Deuteronômio, que são de datas posteriores, o que dá idéia posterior ao texto J, é uma inclusão ao texto analisado. O v.24, “por isso o ish deixa seu av e sua avah, se une á sua ishah e eles se tornam uma só basar”.

O v.25 está em conexão com o relato do capítulo 3 sobre a origem do pecado original e data a sua própria época, mas inserido num texto posterior.

O “estar nu” revela o relato do capítulo 3, “e não envergonharam” demonstra que ainda estava na era paradisíaca do capítulo 2 no relato anterior deste. A conclusão que a podemos chegar é que o v.24 deveria estar no capítulo 3 o v.25 no capítulo 2.

A narrativa da mulher serve de estudo posterior para as leituras das feministas, um autor bem recente mostra que a autoria de J se deve a uma mulher e de fato eu já havia tentado mostrar isto em trabalho posterior.

Ainda no v.20, será que ele procurou uma auxiliadora entre os animais selvagens? Veja e leia com atenção este verso.

D. Leitura Sociológica

1. Levantamento de Termos

ECONOMIA	POLÍTICA	SOCIOLOGIA CLASSES	RELIGIÃO IDEOLOGIAS

		SOCIAIS	
V. 18- Esteja só 	 v. 19 dar nomes, chamar v. 20 o homem deu nome v. 23 osso do meu osso, carne da minha carne v. 24 tornam uma só carne v. 25 estavam nus (igualdade/desigualdade)	v. 18 uma mulher v.20 não encontrou auxiliar v. 22 trouxe a mulher ao homem v. 23 será chamada varoa porque foi retirado do varão. v. 24 se une à sua mulher	 v. 19 JHWH Deus modelou do solo v. 20 sono, tirou a costela, cresceu a carne. v. 20 sono, tirou a costela, cresceu a carne. v.22 modelou a mulher da costela

0 EM BUSCA DE “SENTIDO”.

Neste capítulo, o autor mostra os aspectos filosóficos e seus pressupostos componentes da filosofia de Paul Ricoeur e de Hans Georg Gadamer, via existencialismo de Martins Heidegger. A hermenêutica foi constituída através da semiótica, a ciência da linguagem, do estruturalismo, via R. Jakobson, fazendo a miscelânea para elaborar a sua hermenêutica.

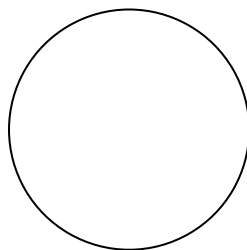
Ele mostra que através do existencialismo e do estruturalismo um acontecimento gera outro acontecimento gera outro acontecimento e que segundo a linguagem de Gadamer, é o efeito histórico, e que no existencialismo convoca o homem a uma decisão existencial. Pressuposto este colocado pelos exegetas alemães da linhagem bultmaniana.
Na hermenêutica, o que interessa é o conceito de compreensão para se colocar ao nível da práxis o sentido de um texto. Os eventos são os que envolvem os níveis gerais do acontecimento e o nível particular da compreensão, que Gadamer denomina “eixo da compreensão” ou ainda “eixo semântico” para o estruturalismo e para J.S. Croato.

Desta forma, entra em questão o modo de distanciarão, a distância entre um escrito, o evento e o intérprete leva a uma problemática de compreensão e da interpretação. Quanto maior for a distância do acontecimento do evento, maior será a significação do primeiro.

Acontecimento >--<

1ª distanciação

2. Êxodo:

O acontecimento é anterior à palavra. O ato de interpretar constitui o ato de acumular sentido. O ato de interpretar é o movimento circular da hermenêutica, o fechamento e abertura denomina esta interpretação.

A fala e o texto complementam a produção do sentido e, conseqüentemente, a obra literária. O discurso – o que fala e o destinatário – a quem se fala, delimitam o sentido; isto é, nesta medida, temos a polissemia, que é a possibilidade de sentido ou sentidos que uma coisa pode alcançar.

O contexto referencial é que se fala com alguém sobre algo num momento e num lugar determinado. O sentido encerra num texto: o autor não está presente, o leitor não é o destinatário original, o marco referencial ou o mundo do texto não é o mesmo.
À distância entre o auto, o texto e o intérprete de uma obra resulta na polissemia: as possibilidades de significados que um termo ou texto pode adquirir. Um vai limitar o outro e o outro se abre ao texto, esta distância provoca a polissemia.

O conflito existente entre o texto, a distância do autor para o leitor, do mundo do texto para a compreensão do novo horizonte. Horizonte atrás e adiante se chama de conflito de interpretações. O conflito surge na interpretação do meio simbólico e assim visual.

Estes são os processos metodológicos que o autor propõe para a hermenêutica da liberdade a partir do Êxodo é o marco de um fato histórico que será reinterpretado em vários textos do AT que serão releituras.

a) Bíblia e Libertação

Neste espaço, o autor começa com a aplicação de sua metodologia da interpretação. Aqui se dá a hermenêutica. O Kérigma enuncia a anuncia a mensagem que requer de seu ouvinte uma reação, uma chamado, uma provocação. Isto está na base da hermenêutica existencialista. O autor discute o termo libertação e seus significados possíveis em vários escritos do Antigo Testamento.

b) Libertação e liberdade

Ele propõe que a liberdade é a conscientização dos mecanismos de opressão leva o indivíduo a repensar e reler a necessidade de liberdade e de libertação. O processo de libertação está em primeiro lugar, depois vem a liberdade.

O êxodo é um gesto de liberdade, mas não a posse da liberdade. Primeiro vem a saída (êxodo do cativeiro para, depois, levar à entrada na Terra Prometida em que está inserida, agora sim, a liberdade. A libertação só vem depois da posse da terra.

c) Sinal dos Tempos?

A liberdade é um conceito antigo e que foi redescoberto em suas dimensões sócio-política e econômica ou psicológica. A liberdade que exigia uma igreja jurídica era aquela da profissão da fé, mas com uma estranha mistura de intolerância opressiva, frente a outros grupos religiosos.
O homem começou a descobrir sua vocação é para a liberdade e a libertar-se, baseado em sua própria vivência de opressão e movido por um processo de conscientização. O cristão começa a se conscientizar de que a resposta a esse Deus de história exige dele um compromisso nessa história.

A formação de uma consciência-de-liberdade e de um compromisso de libertação como notas características da fé e da práxis cristãs. A releitura da mensagem bíblica de libertação a partir de nossa experiência de povos ou de homens oprimidos. Na palavra de Deus encontram-se meios para explorar seu sentido conscientizado e libertador.

4. Êxodo – acontecimento e palavra

A saída do Egito encontra-se inseria no contexto dos livros de Ex , Nm e na homilética de Dt 1-11. A exploração do Êxodo relacionado com o novo caminho de Libertação dos povos oprimidos. Êxodo desta forma é reserva de sentido: kérigma, provocador, criativo, inexaurível.

O tema do êxodo vai desde o livro do Ex ao livro do Ap. O acontecimento é contemplado do ponto de vista da fé e se reconhece nela a manifestação de Deus, a palavra que lhe dá novo significado, é interpretado como palavra de Deus. O êxodo é um acontecimento cheio

de sentido como revela bíblico e também a própria de Israel e que ainda foi concluído.

B. **"OS HOMENS DE GIBEÁ QUE ABUSAM DE UMA MULHER DE UMA LEVITA"**

Jz 19,1-30

A- Leitura Textual

O tempo desta cena dura apenas uma noite em Gibeá. Porém a narrativa é muito longa para descreve toda a situação. O patrão é o personagem principal, um Levita, que peregrinando ao redor da montanha de Efraim tomou para si uma mulher que seria concubina de Belém de Judá.

Podemos notar que aqui está inserida a lei e o significado da hospitalidade de que tanto fala o Êxodo e Levítico. Esta porém, na narrativa a hospitalidade oriental se transforma numa saga de violência. Em termos simbólicos, a porta ou a soleira da porta marca os limites entre a hospitalidade e a hostilidade. Nesta narrativa, na noite da violência somente a mulher marca os limites e os ultrapassa; os homens, porém, ficam a salvo.

Jz 19:25 mostra o levita atirando para fora de casa a sua concubina e os homens daquela cidade se aproveitam da situação e abusa, dela por toda noite, até de madrugada.

Jz 19:26 mostra que, ao romper da aurora, a mulher volta e cai à entrada da casa onde estava o marido. Essa é a primeira vez, desde o começo da história, que a solitária mulher é o sujeito capaz de agir. Então se colocou sobre o jumento e levantou-se o homem e foi-se para seu lugar. O homem levita chegando à sua casa e, em rápida sucessão, tomou de um cutelo e despedaçou com seus ossos em doze partes, e enviou-as para todos os termos de Israel e suas doze tribos. No capitulo 20 mostra que Israelitas vingaram o ultraje feito ao levita.

A hospitalidade era peculiarmente uma virtude oriental. No livro dos Mortos do Egito, um juízo elogiador era conferido a quem tivesse

alimentado os famintos e vestido os nu. Tanto o Antigo, como o Novo Testamento evidenciam muitas ilustrações da prática da hospitalidade, principalmente a Parábola do Bom Samaritano. No Antigo Oriente Próximo, tanto os árabes beduínos têm esta prática como familiar, que podemos notar em texto de viajantes.

De grande valor era esse dever. Por parte dos gregos também temos notícias destas práticas, conforme é atestado nos escritos de Homero e outros.

A hospitalidade era realmente considerada um dever religioso.

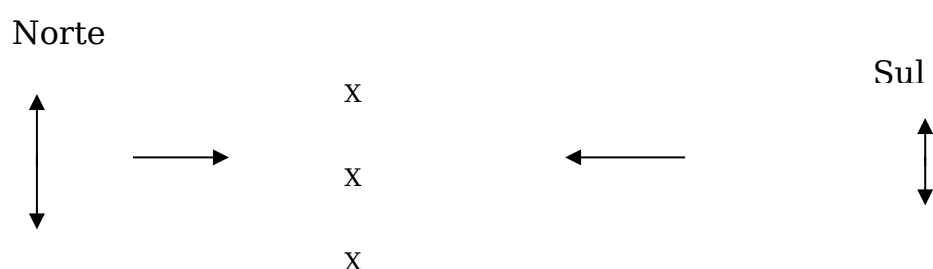
O estranho ficava sob a proteção especial de Zeus, o qual era chamado o "Deus dos estrangeiros". Os romanos não ficavam à parte. Eles reputavam uma impiedade qualquer violação dos ritos de hospedagem.

As leis morais entre os judeus alistavam a hospitalidade como um dentre as seis e mais importantes virtudes que um homem pode ter e que serão galardoados no mundo vindouro (ver talmude, Babba Sabba, fl 127-1).

Em Hebreus, se mostra que não se deve esquecer jamais da hospitalidade porque, alguns, sem saberem, podem estar hospedagem anjos.

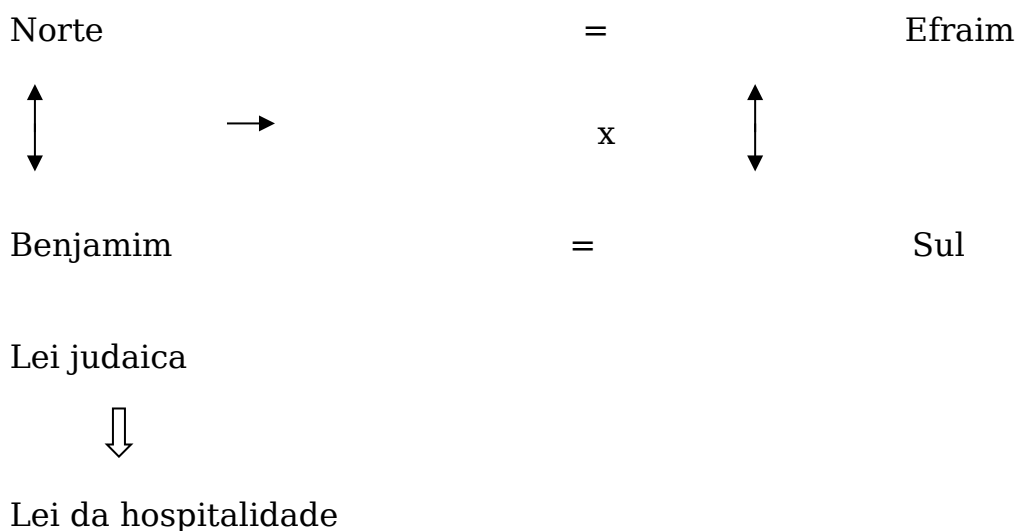
B- Crítica texto.

O texto de Jz 19:1-30 é composto ou formado por duas camadas narrativas, intercaladas, e que foram juntadas por um redator final. O texto tem um estilo de novela narrativa. O primeiro texto tem um relato pró-monárquico e outro relato-monárquico, contra o reino. Isto reflete uma luta inexistente na época entre as tribos do sul contra as do norte. Uma fala característica do sul, pois o redator I é judaica e contra os nortistas. A luta se dá de Benjamim contra Efraim

Efraim Benjami

O relato relativo ao levita é mais antigo e se refere às leis deuteronomista da hospedagem; o segundo relato é mais recente, feito por um copista ou pelo redator final. Provavelmente relata a Ob H Dt e outro da Ob H Cr. É possível que o livro tenha sido redigido no sul, numa época, e a redação final, que data de um período mais recente, tenha sido feita por volta dos séculos VI ou V a.C. O v.1 deste texto reflete o anacronismo “que em Israel não havia rei”.

C - Análise Estrutural.

São dois textos que foram intercalados, um é a novela narrativa e a sátira anedótica.   Um relato é pré-monárquico e o outro, de rejeição à monarquia. A Ob H Cr mostra a luta da tribo de Benjamim contra a tribo de Efraim, o norte contra o sul. A luta existente entre as tribos de norte e do sul vem desde o relato da divisão da terra às tribos. O relato do norte refere-se à leis deuteronomistas.   O outro relato enfatiza o homossexualismo no sul. Ambos os relatos terão uma redação final.

Aqui ocorre uma lei presente na vida do povo que é a lei da hospitalidade, o rompimento da pureza e do abuso sexual:

D - Análise estrutural do texto (Juízes 19:1-30)

Finais

D C Sinonímico B

A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 1 4 15 1 6 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

Paralelismo Sinonímico

Paralelismo

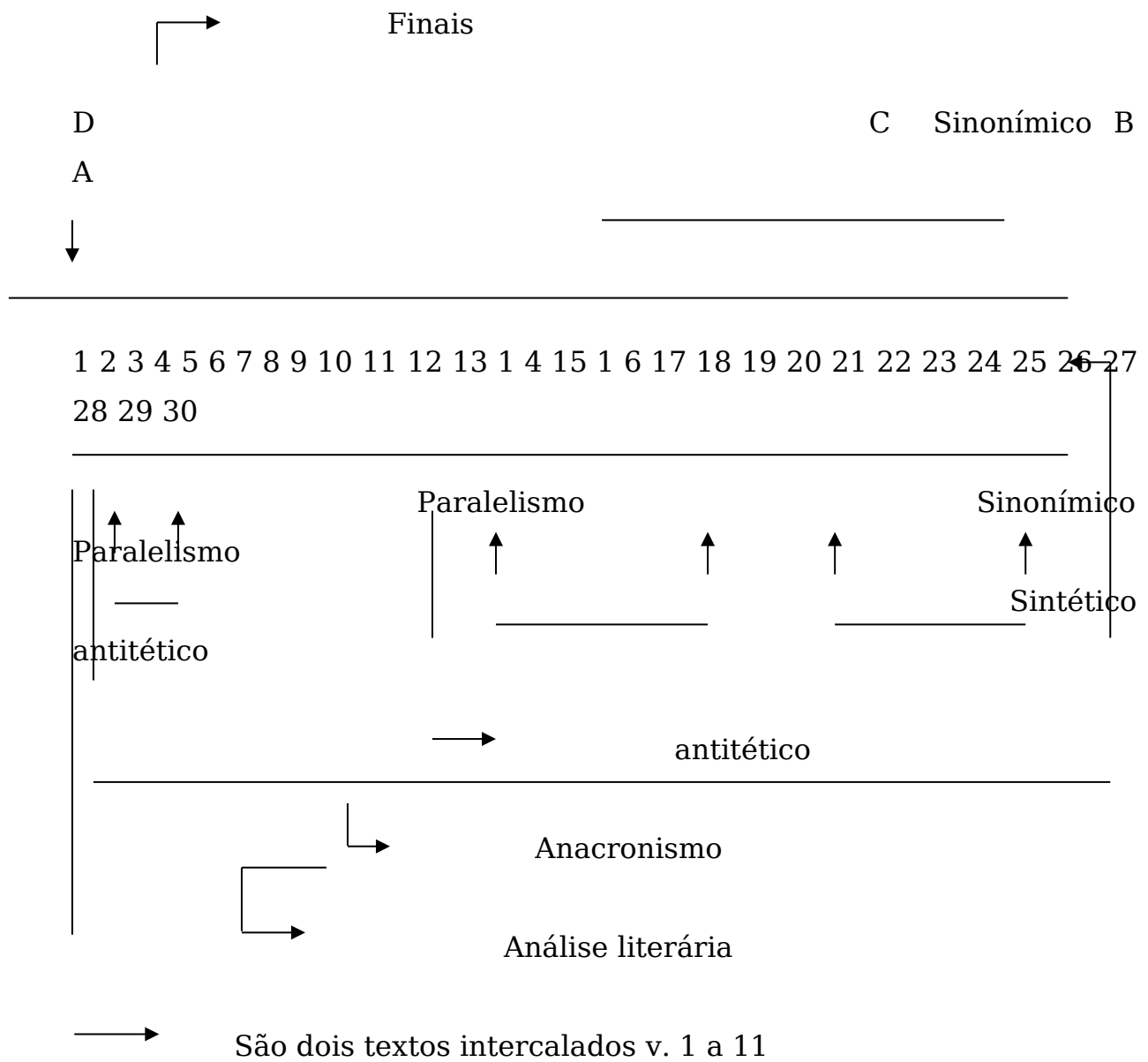
Sintético

antitético

antitético

Anacronismo

Análise literária

São dois textos intercalados v. 1 a 11

E- Leitura Sociológica

Juizes			
Levantamento			
Econômico	Político	Social	Ideol. Religiosa
3	1		
10	2 – 11 –12	3 – 4 – 5	
	13 – 14 – 15	6 – 11 – 15	21 – 22
	22 – 25 – 26	20 – 23 – 24	24 – 29
	19	27 - 28	30

VII. BIBLIOGRAFIA

BLOOM, Harold e ROSEMBERG, David. **O Livro J**, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1992.

CHILDS, BREVARDS. **Biblical Theology Crisis**, Westminster Press, Philadelphia, 1970.

CROATO, José Severino**. Êxodo: uma hermenêutica da liberdade**. São Paulo, Paulinas, 1981. P.179.

KNIGHT, D.A. **, Rediscovering the Tradition of Israel**, SBL, Missula, Montana, 1973.

GRANT, Robert M. **L`Interpretation de la Bible des Origenes Chretienne à nos Jours,** Editions du Seuil , Paris, 1967.

HAYES, John H. **Old Testament Form Criticism**. Trinity University Press, San Antonio, 1974.

J.J. JACKSON – MARTINS LESSLER, **Rethorical Criticism: Essays in Honor of James** Muilenburg. Pickwick Press, Pittsburg, 1974.

KLEIN, Ralph E. **Textual Criticism of the Old Testament**. Fortress Press, Philadelphia, 1974.

KRAUS, Hans Joachim. **Geschichte der Historisch – Kritischen Erforschung des Alten Testament,** Neukirchener Verlag, Neukirchen Vluyn, 1975.

KRENTZ, Edgard**. The Historical Critical Method.** Fortress Press, Philadelphia, 1975.

KUEMMEL, Hans Georg. **The New Testament. The History of the Investigation of its Problem**, Abingdon Press, Nashville, 1972.

MOKNIGHT, Ed**. What is Form Criticism**? Fortress Press, Philadelphia, 1969.

REVENTLOW, Hering Graf. **Problems of Biblical Theology in the Twentienth Century,** Century, SCM Press, London, 1986.

____________. **Problem of Old testament Theology in the Twentienth Century**. SCM, Press, 1985.

____________. The Autority of the Bible and the Rise of the Modern Wold, SCM, Press, 1984.

ROGERSON**, Old Testament Criticism in the Nineteenth Century. SPCK**, London, 1984.

____________. **Die Biblische Theologie, Ihre Geschichte und Problematik**. Neukirchener Verlag, Neukirchan Vluyn, 1970.

SOTELO, Daniel. **Astúcia da Mulher – O caso de Rebeca, monografia de graduação, Inst Metodista Bennett, l988.**

TRUCKER, Gene M. **Form Criticism of the Old Testament**. Fortress Press, Philadelphia, 1973.

WILDER, Amos N**. Early Christian Rethoric – The Language of the Gospel**. Harper and Row, N.Y., 1964.